

Produzir

Diferenças regionais



Cesário Ramalho da Silva*

TRADICIONALMENTE, APÓS as eleições, surgem as mais variadas análises, trazendo diversos enfoques sobre os resultados do pleito. Certamente, para cada caso, existe um conjunto diferente de explicações. Entretanto, alguns resultados chamam a atenção, porque refletem ações específicas do governo federal.

De modo geral, na imediata cobertura pós-eleições, a mídia dedicou grande espaço às diferenças regionais nas votações entre os candidatos à Presidência, José Serra, do PSDB, e a candidata eleita Dilma Rousseff, do PT. De fato, foram impressionantes as diferenças de comportamento do eleitor de Estado para Estado.

Começemos por Roraima, por exemplo, onde a destruição da agricultura, que era a única atividade econômica da região, e a implantação da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol levaram a candidata do governo federal, Dilma Rousseff, a obter apenas 33% dos votos.

Já no Acre, terra natal da candidata do PV, Marina Silva, conjunto de operações do Ibama levou a votação da oposição, na eleição presidencial, ao patamar de 69%. Dilma ficou na casa dos 30%.

O mesmo ocorreu no município de Marcellândia, no Mato Grosso, onde, na eleição presidencial, a oposição obteve 76% dos votos, ou em Tailândia, no Pará, onde o candidato do PSDB obteve 67% dos votos.

Com base nesse cenário, não há dúvida de que a política ambiental para essas regiões precisa de ajustes, já que não se sustenta do ponto de vista social e econômico. O mais complicado de analisar é o resultado das eleições presidenciais em alguns Estados brasileiros.

A presidente Dilma Rousseff perdeu as eleições no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo, no Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, em Goiás e Rondônia. Alguns analistas atribuíram essa derrota ao chamado cinturão agrícola.

É uma avaliação, de certo modo, plausível. Isso porque a área plantada está estagnada há seis anos, impera o mau tratamento ao empreendedor privado, a carga tributária é sufocante, além do que o câmbio desnivelado e uma infraestrutura insatisfatória prejudicam a competitividade do agronegócio.

Realçando alguns itens, observamos, por exemplo, que na questão dos transportes não precisamos apenas de mais estradas, mas, sim, de um eficaz e integrado sistema de escoamento para a produção agropecuária. Precisamos de ferrovias, hidrovias e rodovias. Além disso, precisamos de mais eficiência nos terminais portuários.

Por sua vez, no tocante à questão cambial, a inserção de dólares na economia brasileira – fruto, entre outras coisas, da taxa de juros elevada – prejudica todo o setor exportador, não só o agronegócio. E este quadro interfere diretamente na renda do produtor rural.

A realidade é que nos Estados de relevante produção agropecuária também existe significativa população predominantemente urbana e uma indústria dinâmica e forte. Dessa maneira, constatamos que os mesmos problemas que prejudicam diretamente o agronegócio também atingem o segmento industrial, que já foi 27% do Produto Interno Bruto (PIB) e hoje é apenas 15%.

O modelo de crescimento da economia brasileira é, há vários anos, baseado no aumento do consumo e no incremento do Estado. Os tributos federais impostos à iniciativa privada, sejam na indústria, no comércio, no setor de serviços ou no agro, não retornam aos Estados onde são arrecadados.

São transferidos aos funcionários e às empresas estatais e distribuídos pelos Estados, de acordo com critérios que levam em conta a população, os programas sociais e as despesas do governo federal.

Como não poderia ser diferente, a Sociedade Rural Brasileira deseja sucesso ao próximo governo e se manterá vigilante para que o agro reforce sua liderança na condução da política agrícola (crédito, seguro e preços mínimos) e fortaleça sua participação nos fóruns de decisão – de outras áreas – que o influenciam diretamente, como, por exemplo, infraestrutura, meio ambiente, negociações internacionais, entre outras.

Uma gestão transversal para o agro fará com que o setor traga resultados positivos ainda mais duradouros para o País. ■

*Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)